

Joca de Oliveira

Quase Haicais

*O pássaro voa entre prédios
E escapa para o mar: poluído.
A liberdade não é mais azul.*



俳諧

2011

QUASE HAICAIS

Pra que uma epopeia

Se num haikai

Cabe toda a ideia?

XICO SÁ

INTRODUÇÃO

Neste livro, não busquei com acuidade construir o Haicai original, que é uma das formas poéticas mais difundidas no Japão, embora, em alguns poemas, eu encontre o caminho. O Haicai é um poema que se compõe de dezessete sílabas, distribuídas em versos de 5-7-5 sílabas. Exemplo:

(O grilo)

Oculto no dom

Que tem de não ser ninguém

O grilo é som. (Jorge Tufic)

Na verdade, o haicai é um terceto. Contudo, na maioria dos poemas deste livro, não pratico com rigidez essa preocupação com a forma nem com as rimas. Por isso chamo os poemetos que fiz de Quase Haicais, pela semelhança que eles possuem com esse estilo poético. A manutenção dos três versos é básica, a gente não tem como fugir, porém, em muitos poemas, excedo o número de sílabas exigido pelo Haicai japonês, que é de 17 sílabas. Em nossa língua, o haicai é permitido até 21 sílabas.

Também, alguns tercetos desse livro se assemelham aos tankas de Takuboku Ishikawa*. O Tanka, que parece ser um desdobramento do Haicai, apresenta a estrutura 5-7-5-7-7, entretanto, no livro de Tankas de Takuboku, a tradução deles para o português findou em três versos, à semelhança dos haicais. Veja o exemplo a seguir:

tookaino/ kojima no isso no/ shirassunani/ ware nakinurete/ kani to tawamuru (5-7-5-7-7)

Na transliteração deste tanka para a nossa língua, o texto ficou modificado para três versos, para que o sentido não fosse quebrado, acho:

Pequena ilha ao leste do mar

Brinco à luz da areia com um caranguejo

A face molhada de lágrimas

Enfim, ao longo da minha vida universitária, me interessei pelo estilo e lia muito os haicais irreverentes de Paulo Leminski e de Xico Sá, que adaptavam o haicai para um jeito bem brasileiro. Foi pela leitura desses autores, que trabalharei o estilo haicai mais pelo conteúdo do que pela forma, que me espelhei, e repasso para os leitores esses tercetos, que costumo chamar de Quase Haicais, ou quase tankas.

*Takuboku Ishikawa é um poeta japonês bastante conhecido em seu país, mas que teve vida muito curta: 27 anos. Seu livro de tankas foi traduzido no Brasil por Masuo Yamaki e Paulo Colina: TANKAS, da Roswitha Kempf Editores.

QUASE JOCÃO

Vou tomar as palavras do próprio Joca para falar como ele me pediu. Então vamos. Para começo, Joca é meu amigo e não vou falar mal dele nem a pau. Continuando a conversa, não há maldade de que falar. Sabemos, eu e Joca, a estufa que é este mundo, o caldeirão onde nos impõem viver, eles, sempre eles, os outros. Como já filosofaram, são dos outros a culpa das nossas desgraças, obviamente.

Mas, eis os haicais de Joca. Miúdos, sim, mas há tanto que me interessa! Joca colocou o Japão na cabeça e na caneta, foi fazendo os poemas, a "tessitura" como dizia Copão. Inventou uma tuia de coisas grandes porque, sabe-se, Recife não é modesta; coisas grandes com dor e menino triste por entre. E a nossa terra já nos mostrou muitas vezes o quanto a honra é conta salgada, o bico da faca, a ponta da bala, o escárnio e mesmo o silêncio – isso faz um estrago!... Joca vai vivendo, trabalhando e escreveu os haicais. A insustentável leveza dos 50 anos, quem pode? O beija-flor e Dadá Jacaré somente. O resto, as tardes de dor, as noites de gastura, o sofrimento dos meninos, os cozimentos reveis:

A vida ensina.

Depois dos cinquenta,

Começam as aulas.

Isto não é esperança? É. Azulzinha. O caldeirão do mundo ainda seduz, o charme que é viver Joca sabe. E vai dizendo, feito um grilo na ribalta com o vago lume do seu som, certamente lamentando tempos de holofotes: da densa poeira do tempo que esconde coisas da gente, da baladeira que não pipocou nos peitos do passarinho, quebrou catolé; das buscas das mães, das coisas que nos aperreiam e não são azuis, feliz de quem ainda encontra algum caminho e proclama alguma liberdade. Mas, mesmo que a liberdade fosse azul, onde estão aqueles nossos olhos? Daltônicos, decerto. Encurralados em algum escuro beco de fome.

O tempo passou, não há mais dúvida. Estes poemas de Joca provam. Morreram muitos poetas. O homem foi embora de si. Talvez sim: uma estrela cadente...

Expulso do bar,

Abandonou a noite

Pra jamais voltar.

Talvez não; talvez possamos seguir apenas escapando... e isto também ser vida, ser atitude. Só que eu preciso beber. Só isso. Só. Já não chamo o mundo. Como não beber água da lua? Como não cavar dentro da semente que você plantou? Somos os poetas bissexto, os de poucas folhas. E o que não é folha para os grandes ventos, as grandes forças que empurram, massacram, denigrem... e o poeta no umbral de tais fúrias, com o pé de cabra com o qual as portas sonham,

Observa, imita, até copia,

Para depois

Montar a própria fantasia.

Tu o disseste. E disseste muito mais neste trabalho que não é um clássico de capa dourada porque este, ah!, não temos. Temos é vida, o que fomos e o que estamos; isto tem força. Enfim, eis a mesa e tudo posto, certo Joca? Os poemas estão certos.

Recife, 11/02/2012

Wilson Vieira

QUASE HAICAIS

1.

Um olhar no interior da velha casa:

Filho pródigo tardio. A densa poeira do tempo

Cobrirá até o retrato de meus pais.

2.

Era linda, e tinha um sublime

Poder sobre meus olhos juvenis:

Sua face de cristal partiu-se no tempo.

3.

Era apenas uma lagartixa na parede,
Mas não consegui soltar a minha baladeira
Nem a agressividade natural dos meninos de rua.

4.

Me ameaçava somente com um olhar

E era mais alto e mais forte.

Eu cresci. Anos depois, ele me viu e correu.

5.

O fantasma se escondeu atrás da cortina.

Pensei tê-lo visto, de verdade,

E voltei a sonhar com a eternidade.

6.

Rodeava os interiores da casa

À procura de um malfeito, até encontrar.

Minha mãe deveria caçar tesouros!

7.

A noite caiu na minha sopa

Um olhar no abrigo para velhos

Da solidão me poupa.

8.

A lua cheia sempre encanta

O meu olhar mudo

E me convida para quase tudo

9.

(Cena de Faroeste)

A violência da periferia

Tornou o bar ambiente sombrio:

Poucos bebendo, ninguém dá um pio.

10.

(Estatística)

A vida é muito sutil:
Na favela Mata-Sete,
Sobrevivem mil!

11.

A próxima cerveja lembra...

E ao bebedor solitário

Alegria recomenda.

12.

Sua infâmia não acendeu a minha ira:
Repercutida, pareceu verdade,
Mas continuou sendo uma mentira.

13.

Quando chega a noite

Por não ter lume

O grilo retine.

14.

(Viagem II: Ícaro)

Sonhou o mais alto que pôde.

Sublime, voou além do arrebol:

Foi barrado na porta do Sol!

15.

(Débito)

Vida longa e amargurada

Mitiga pecados?

A honra é conta interminável...

16.

(Graça)

A Vida é dom.

Viver é equilíbrio ante a morte,

Com coragem, e sorte!

17.

(Cinzas)

Minhas lágrimas:

Confetes no salão

Varridos ao amanhecer

18.

(Sem Magia)

O ladrão, Ben Ali,

Abriu a porta com pé de cabra

E sem abracadabra.

19.

Quando é festa,

Brilham pontes, igrejas e poetas:

Recife não é modesta!

20.

(Tsunami)

Parece leve, uma bolha.

Arrastado pela grande onda,

O caminhão é uma folha.

21.

(O Poeta)

Observa, imita, até copia,

Para depois

Montar a própria fantasia.

22.

(Hai Carga)

Num programa de televisão,

Trinta pessoas em um fusca.

No meu coração cabe um milhão.

23.

Qualquer homem, como estigma,
Mesmo o que avançou em conhecimento,
Pode levantar-se violento.

24.

Clássico de capa dourada,
Retido na formosa estante:
A palavra aprisionada.

25.

A noite é quente.

Numa poça da rua,

O cão bebe água da Lua.

26.

Morte aos bárbaros!

Eu gritei,

E me tornei igual, de vez.

27.

Olho viciados na rua:

Dispersa, somente a fumaça

Desenha um caminho às estrelas.

28.

(Feira)

Maria entrou no mercado:

José derramou farinha,

Mané tropeçou num saco.

29.

(Boemia Literária)

Meu espírito – nunca mais –

Acampou no Beco ou no Hospício

Com poetas da rua e seus recitais.

30.

O pássaro voa entre prédios
E escapa para o mar: poluído.
A liberdade não é mais azul.

31.

A sustentável leveza

Do beija-flor

Perpetua a Natureza.

32.

Céu ou Inferno? Estou

Dentro da semente

Que você plantou.

33.

(Civilização)

A tecnologia assombra,

Mas a barbárie a persegue:

É sua sombra!

34.

(O Desertor)

Escapa da linha de fogo:

Sem glória, sem flores,

Sem flâmulas, a vida em chamas.

35.

O pintor admira

A modelo quase nua.

O pincel é sua mira.

36.

A estufa e seu efeito:

O rio, quase somente pedras,

Em triste leito.

37.

A vida ensina.

Depois dos cinquenta,

Começam as aulas.

38.

Não mais de tristeza

O olhar da menina de rua fulminava

Nossa roupa de domingo

39.

Perto da tela

Zefa xingou a vilã

Da telenovela.

40.

Noite: é sereno e orvalho.

Feito um pássaro, o silêncio voa

De galho em galho.

41.

(Farmacinha)

Brincava com os remédios de meus pais.

Hoje, com minha caixa,

Não sorrio mais.

42.

Terminou a visita.

O olhar do enfermo me perguntou

Quando volto.

43.

A menor, em desespero,

Assumiu o aborto. O cara

Continua anônimo, em outro porto.

44.

(Recife)

Fui ao São Luiz, na primeira noite.

Voltei pela Imperatriz deserta:

Tudo era novo, e assustava.

45.

Em tempos de guerra,
Nem a primavera
Consegue sorrir.

46.

(Lição)

Expulso do bar,

Abandonou a noite

Pra jamais voltar

47.

A parteira era trancada no quarto.

A cegonha, esperávamos pelo ar:

Mas nunca a vi pousar.

48.

Ave pernalta

Na folhagem do mangue:

Divina fome.

49.

Cada célula, cada nervo,
Cada músculo, enfim, cada vida
Dá sinais de que foi construída!

50.

(Planeta Terra)

Se o Criador, ao final da criação,

Achou bom o que foi criado,

Não destruiria o bem amado.

51.

(A Palavra)

Qualquer homem é
Ser capaz de milagres.

Um: estar vivo!

52.

O que se falou

Do meu passado disse

De outro homem.

53.

Na palafita,

Uma criança chora,

A fome grita.

54.

(Mímica)

Feito um robô

Fazia gestos bruscos

Na saída do metrô.

55.

(Big Bang)

Vir da explosão

A origem de tudo

Me deixou mudo.

56.

(Barroco)

Sem idolatria...

Mas, Igreja sem santos

Perde a magia.

57.

(Riqueza)

Muito pobre,

A vida era sua viagem.

A poesia: sua bagagem.

58.

(Método)

Sempre meu verso

Bem fora da escola:

Livre, disperso.

59.

(Eco)

Espalhados na relva

Sem zoo

Bichos na selva selva

60.

Última viagem:

Deu um treco

No teco-teco.